

JUNTO AOS RIOS DA BABILÔNIA: UM ESTUDO ACERCA DA HISTÓRIA DE ISRAEL NO EXÍLIO

Aluno: Michel Alves dos Santos
Orientadora: Prof^a Maria de Lourdes Corrêa Lima

Introdução:

Em 597, Jerusalém sofre a sua primeira invasão pelas tropas do rei babilônico Nabucodonosor e tem o seu Templo saqueado. O então rei de Judá, Joaquin (597), que herdara há poucos meses um reino em guerra contra a maior potência de então, paga, juntamente com sua corte e boa parte da elite de Judá, pela errônea decisão de seu pai, Joaquim (608-598), de revoltar-se contra o domínio da Babilônia. Assim, parte da elite judaíta é deportada. Para governar Judá, Nabucodonosor impõe o ambíguo rei Sedecias. Este movido por sua corte descontente com o jugo babilônico, em 587 se revolta contra sua suserana a qual, após um breve cerco a Judá, entra em Jerusalém, destrói o templo e a cidade, fazendo que os filhos mais ilustres de Judá morram pela espada ou sejam deportados. E, com esse evento tem início a fase mais importante da solidificação do judaísmo enquanto religião.

O presente trabalho busca fazer uma reconstituição e análise do período do exílio na Babilônia (587-538). O foco do estudo compreende o tempo que vai da primeira deportação em 597 até 538, data em que Ciro rei da Pérsia assina o edito que permite o retorno dos deportados de Judá para a sua pátria.

Objetivos:

A pesquisa se propõe realizar um estudo acerca da situação real dos deportados de Judá na Babilônia, buscando compreender o que foi o exílio tanto na perspectiva da abordagem histórica quanto na percepção subjetiva dos deportados. Neste sentido, o trabalho procurou estabelecer um diálogo entre as fontes bíblicas e os dados apresentados pelos historiadores acerca da Babilônia e, deste modo, compreender até que ponto a Bíblia e os fatos narrados nela durante este período são seguros para uma apreciação objetiva da história de Israel e da Babilônia no momento histórico em questão.

Metodologia:

O estudo começa por fazer uma apresentação da Babilônia no período do Império Neobabilônico. Sendo assim, a pesquisa apresenta a sociedade como um todo: a capital do império; sua localização; economia; estrutura administrativa; sua religiosidade; suas expressões arquitetônicas; as mudanças ocorridas no panorama político interno e externo durante os governos de Nabucodonosor (604-562), Amil-Marduk (562-560), Neriglissar (560-556) e Nabonido (556-539). Além da capital do império, a pesquisa contemplou também as principais cidades da metrópole babilônica para onde foram enviados os deportados de Judá.

A pesquisa também se ocupou das relações existentes entre a política e a religião no Estado Babilônico. Neste sentido, merece menção o festival do Ano Novo onde o rei apertava a mão de Marduk, principal deus babilônico, e recebia deste o poder de governar o Estado. Sem

a compreensão desta cerimônia não se entende a falta de resistência enfrentada por Ciro da parte dos sacerdotes durante a invasão da capital.

Em um segundo momento a pesquisa se deteve sobre o Reino de Judá e os seus momentos finais. Estudou-se a movimentação política e as expectativas dos remanescentes e exilados de Judá nos intervalos das três deportações narradas por Jeremias (Jr 52,28-30): 597, 587, 582. Além disso, o estudo procurou compreender como era a organização dos exilados na Babilônia; a acolhida destes por parte dos babilônios, a situação do rei Joaquin e de seus cortesãos na corte do rei da Babilônia; as atitudes e expectativas dos exilados frente à nova situação em que se encontravam; o ânimo e a impressão acerca da Babilônia que se gravou na alma dos deportados a tal ponto que os escritos bíblicos de datação desta época e das seguintes façam sempre alguma referência à experiência vivida neste tempo; e, por fim, a resposta e a reelaboração teológica que deram uma vez que esta se impôs e se estabeleceu de fato.

Na última fase da pesquisa realizou-se uma breve análise exegética de alguns textos escritos no período do exílio e que traduzem o ânimo dos deportados, tal como o salmo 137; Is 40,27; 41,10; 49,14; Ez 37,14. O texto também faz um estudo de alguns trechos bíblicos que refletem acerca da visão dos exilados sobre o oculto babilônio (Is c.46-47) e algumas passagens que tratam da expectativa da libertação anunciada com a ascensão de Ciro.

Conclusões:

A pesquisa afasta o lugar comum de pensar o exílio babilônio como algo análogo à escravidão de que os hebreus foram vítimas no Egito. O estudo demonstrou que os exilados de Judá gozavam de liberdades comuns aos cidadãos babilônios. Tinham liberdade de culto. Podiam organizar-se comunitariamente. Não eram escravizados. O único fato que lhes limitava a liberdade era a ausência do direito de retornarem à sua pátria. Neste sentido, os escritos bíblicos deste período trazem mais um retrato do ânimo do povo exilado que a sua real situação. Assim, é possível afirmar com Herbert Donner que “Os sofrimentos dos exilados eram interiores e não se baseavam em suas condições de vida”[1].

O estudo, ao tratar da invasão persa à Babilônia, demonstrou que Ciro era o depositário das esperanças tanto do povo judeu quanto dos próprios babilônios que se viram livres do rei Nabonido, tido como impiedoso pelos sacerdotes de Marduk.

Enfim, “é preciso não subestimar o papel do cativo de Babilônia. A ele deveu Israel, em todos os domínios, essa profunda reflexão sobre si e essa espiritualização que permitiram recobrir de carne viva os ossos dessecados dos mortos do deserto” [2]. Afinal, o período do exílio foi o responsável pela formação do judaísmo e deixou marcas que aparecem ao longo de toda Sagrada Escritura.

Notas Bibliográficas:

[1] DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 2 v.. p.435

[2] GARELLI, Paul; NIKIPROWETZKY, Valentin. **O Oriente Próximo asiático : imperios mesopotâmicos, Israel /**. São Paulo : Liv. Pioneira Ed. : Ed. da USP, 1982.p.138